

O preço da inflação e da recessão

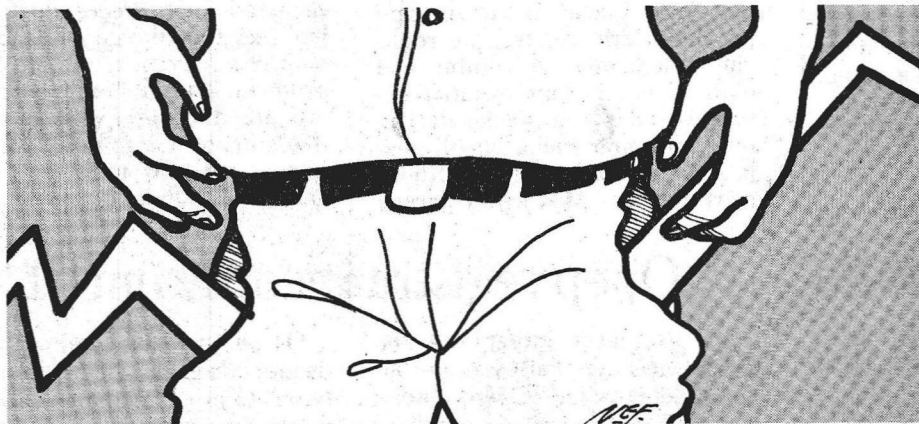
Eustáquio J. F. Santos

Não foi fácil. Cada um de nós pagou o preço da inflação e da recessão imposta pelo plano de março deste ano. Em 1990 tínhamos passado por maus momentos, depois do confisco da poupança e de outros ativos. Tudo isso não teria importância se a inflação tivesse acabado! Agora vivemos a fase de adesão ao FMI. A receita é a mesma: arrocho salarial, juro alto, crédito limitado, desemprego e falência.

Muito custou, a todos aqueles que trabalham, construir este País, que hoje se coloca entre as maiores economias do mundo. Acredito mesmo que as medidas impostas pelo FMI para a negociação da dívida não serão suficientes para acabar com o Brasil. O exemplo está aí, fácil de ser verificado. Bastou dar crédito à agricultura e estabelecer uma garantia mínima de preço, e voltou-se a produzir nos níveis de 1989/90. Espera-se uma safra capaz de abastecer o mercado interno e permitir a exportação de excedentes. Mas, se a agricultura é motivo de júbilo, temos muito a lamentar.

No campo social, a situação é mais grave. Mata-se mais crianças nas ruas do Brasil que pessoas na guerra da Jugoslávia. E quando o Governo propõe uma solução séria, abrangente, profunda como o Ciac, lá vêm os mesmos a falarem contra; e, como não têm argumentos pedagógicos ou sociais, nivelam a proposta aos possíveis erros administrativos de quem está encarregado de construir os prédios.

Vivemos o drama da cólera que se alastra por todo o território nacional, e tudo indica que irá atingir a todas as regiões, à exceção do Sul. Isso porque



a erradicação da cólera depende de saneamento, e não de antibiótico. O doente infectado pode ser salvo com remédio, mas as comunidades só se salvarão com redes de abastecimento de água coletora de esgotos. Fora disso é enganação.

A mesma coisa aconteceu com outras endemias. A Sucam foi extinta, seus funcionários colocados em disponibilidade, assim como outros servidores do setor de saúde pública. O resultado foi o aumento do dengue, da paralisia infantil e de tantas outras moléstias que estavam em fase de controle. O mesmo pode ser dito da medicina curativa. Os hospitais estão à míngua. A cada dia vemos mais e mais hospitais fechando suas portas por falta de pagamento, falta de servidores, falta de remédios.

Em Brasília, os assentamentos em lote urbanizado melhoraram, sem dúvida, as agruras da população de menor renda. Ainda que em situação precária, as condições de higiene, segurança e conforto da população transferida para os assentamentos são melhores que aquelas vivenciadas na

favela. E a classe média? Onde morar? Os aluguéis subindo e os salários perdendo seu poder de compra. Um metro quadrado de área construída custa hoje, em média, 20 salários mínimos. Um apartamento pequeno, com 80 metros quadrados de área bruta, custa um mil 600 salários mínimos, valor inimaginável para um assalariado. Há que haver financiamento de longo prazo ou não haverá habitação para a classe média. Onde está o FGTS? E o PIS/Pasep por que não é usado para financiamento? Solução há, desde que se queira.

Acredito que poderemos dar uma nova arrancada e construir o País de todos nós. O Brasil acordará quando o povo tomar consciência de sua força, livrar-se dos grupos de interesse que se apropriam do esforço nacional, viabilizar a acumulação dos recursos para os investimentos de longo prazo, democratizar a propriedade e, finalmente, redistribuir a renda.

■ Eustáquio J. F. Santos, ex-administrador do Núcleo Bandeirante, é suplente de deputado distrital